Viva a TV doida!!

Antônio Fernandes, Fabito Rychter, Raphael Rabello e Valentina Homem

HA!HA!HA! A loucura tem razões que a sensatez desconhece" (Millôr Fernandes)

Se rir é realmente o melhor remédio, eles estão no caminho certo. Num projeto ousado que transforma desgraça em graça, preconceito em empatia, trabalho em terapia, a TV Pinel coloca os loucos no comando e revoluciona o humor e a psiquiatria de uma só vez.

A TV Pinel foi criada em 1996, com a intenção de montar não uma TV, mas um núcleo de vídeo dentro do Instituto Philippe Pinel. A idéia era fazer um trabalho do qual pudessem participar os pacientes do Instituto. Dos seus quinze funcionários, seis são usuários – como são chamados os pacientes. Eles filmam, editam, cuidam de toda a criação e produção. Um programa feito por loucos. Uma idéia que de tão absurda, era impossível não dar certo.

Hoje em dia, a TV funciona dentro do Instituto, que abriga a ilha de edição, câmeras e estúdios. Todas suas despesas operacionais são pagas pela Secretaria Municipal de Saúde e seus programas são exibidos no Canal Saúde e na TVE.

Doralice Araújo

Maycon Santos entrevista Franca Bazaglia

Tudo funciona como um emprego normal. Os funcionários – pacientes ou não - são pagos, têm horários de trabalho, obrigações e responsabilidades. Cláudia Corbisier, coordenadora da TV, diz que esse é o aspecto mais importante para os usuários: "Para qualquer pessoa, ter um trabalho, é fundamental. Significa ter um lugar na sociedade e exercer a sua cidadania. A gente se define pelo que faz. Trabalhar é terapêutico para qualquer um e não é diferente para pessoas com distúrbios mentais."

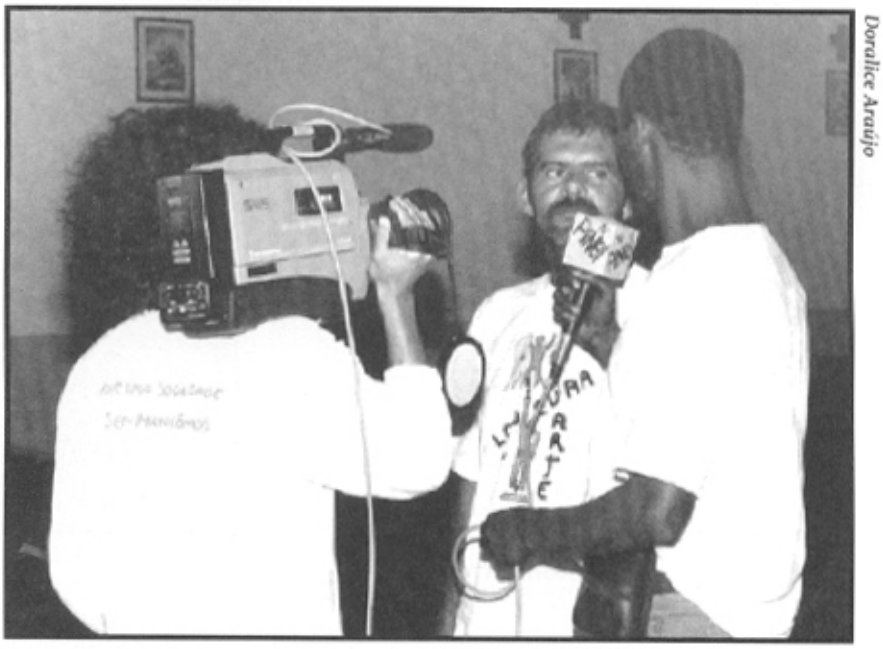
Segundo Cláudia, a TV Pinel diminui a distância entre a vida dentro Instituto e as pessoas de fora, e o humor foi o caminho encontrado para alcançar essa interação. O objeto de gozação dos quadros é, na maioria das

vezes, a própria condição dos pacientes. Mas a vida pública, a sociedade e a política também são alvo do bom humor da TV Pinel. Um exemplo disso são as enquetes de rua, que costumam ser sobre temas amplos, não necessariamente ligados à loucura. "E o caos?" pergunta a repórter da TV Pinel às pessoas nas ruas, "prefiro o Romário" responde um jovem "normal".

Os usuários contam experiências traumáticas sorrindo, como quem conta uma piada. "Você ouve vozes?" pergunta o médico "ouço! A sua, doutor!" responde o paciente poucos instantes antes de ser internado. O próprio internado conta essa história com um sorriso no rosto, e quem assiste, não consegue conter o riso.

Para quebrar o preconceito da sociedade era preciso antes de tudo quebrar o preconceito dos loucos com eles mesmos. "Não jogue fora sua loucura, ela é real", diz Joe Romano, um dos usuários. Eles não usam meias palavras quando se referem à sua condição - loucos, doidos, malucos, doentes – e nas suas esquetes não poupam nem os remédios que tomam: "Quer entortar? Toma Haldol cinco miligramas". Claudia explica: "O humor serve para diluir aquilo que está cristalizado, duro, frio".

Ela conta que não foi imposto um modelo, o teor humorístico apareceu sem nenhum esforço consciente. As reuniões de pauta sempre foram abertas à qualquer pessoa (funcionários, pacientes internos ou não, psiquiatras, etc) e o humor acabou fluindo naturalmente.



Doralice Araújo

Equipe da TV Pinel em evento sobre Saúde Mental em Olinda

Segundo Cláudia, todos da TV costumam levar as brincadeiras no bom humor e o projeto é muito bem visto dentro e fora do Instituto. Dentro do Pinel, os programas são exibidos na TV Ambulante e a reação é sempre positiva. Fora, desde o primeiro programa, a repercussão foi muito boa. Tanto a imprensa como o público aclamaram a proposta. Prova de que o objetivo de criar uma maior interação teve êxito.

"TV Pinel, por liberdade, democracia, saúde e arte" é o *slogan* da TV. Em todos os programa há uma repulsa à psiquiatria tradicional, em que as pessoas costumam ser enclausuradas, discriminadas e tratadas como animais. Todos os hospitais públicos do Rio de Janeiro já adotam tratamentos modernos mas ainda existem os típicos manicômios.

Na TV Pinel não existe censura ao bom humor, às piadas ou ao

Quem já ouviu falar em Joe Romano?

Joe foi um personagem clássico do circuito alternativo do Rio. Quem, nos últimos seis anos, freqüentou os forrós, o Baixo Gávea, o Posto Nove, ou o CEP 20000, certamente viu um sujeito engraçado, sempre interrompendo *shows* para ler poesias sem nexo. Ele era um dos pacientes do Pinel e personagem recorrente da TV. Publicou o livro de poesias *União das coisas contrárias* e participou do CD da banda Boato. Joe chegou a ser preso por porte de drogas e sua liberdade foi defendida pelos deputados Carlos Minc e Fernando Gabeira. Joe morreu atropelado no ano passado.

riso. O humor, como criação, abre novas possibilidades de vivenciar o próprio sofrimento. Freud reconhece que nem todas as pessoas são capazes rir de si próprias: "Trata-se de um dom raro e precioso." No seu texto *O Humor*, ele diz: "o humor não é resignado, mas rebelde. Significa não apenas o triunfo do ego, mas também o do princípio do prazer, que pode aqui afirmar-se contra a crueldade das circunstâncias reais".

O humor, para Freud, seria uma tentativa do supergo de consolar um ego sofredor, transforma a realidade em algo menos aterrorizador ao permitir que o sujeito se distancie da sua dor e, ao mesmo tempo, se aproxime dela de forma menos ameaçadora.

Doralice Araújo

Benezé Ramos no "Horário Maluco Gratuito"

Embora Freud tenha escrito sobre o assunto admitindo seu caráter libertador, a psiquiatria tradicional nunca abriu espaço para o humor. A seriedade exigida nos tratamentos acabou fechando as portas para as terapias bem humoradas. O próprio Freud sempre estabeleceu com seus pacientes uma relação rígida e séria, sem lugar para o riso.

No entanto, segundo Cláudia Corbisier, essa tradição, seguida ao pé da letra por muitos anos, já começou a diluir-se há algum tempo. "A TV Pinel é um trabalho que reflete o avanço na reforma psiquiátrica, que começou na Itália, com Franco Basaglia, na década de 70, no sentido de reabilitação da pessoa", conta.

O resultado é uma melhora na auto-estima. Cresce o nível de responsabilidade dos usuários, o que modifica o relacionamento deles com a vida. É um processo de desconstrução de estigmas, que muda a imagem que eles têm de si mesmos. Se antes eles eram pessoas postas de lado, agora eles se vêem na TV.

5 motivos para você assistir a TV Pinel

1. O genial clip musical em que os pacientes cantam sobre os remédios para loucos.

2. Enquetes nas ruas com perguntas como: "Dá pra ser normal?" e "E o caos?".

3. Fantoches feitos de meia contam a história do pai querendo internar a filha.

4. A novela O vampiro da noite.

5. Joe Romano fazendo comercial do remédio Haldol.

Os Normais da vida real

Ademir Ribeiro, Carlo Fernandes, Danielle Chevrand e Paulo Rogério

"Você é doida demais, doida, muito doida, você é doida demais". Assim como a TV Pinel, o programa *Os Normais*, exibido pela Rede Globo, é uma sátira da vida cotidiana. E logo que os atores entram em cena, dão sentido à máxima de Caetano Veloso: "De perto ninguém é normal".

No roteiro da comédia, imagens do cotidiano de um casal "normal". De um lado Vani e Rui, interpretados por Fernanda Torres e Luiz Fernando Guimarães. Do outro, os telespectadores, os "normais da vida real", que protagonizam situações que fazem ou poderiam fazer parte do programa da TV.

Não é à toa que as histórias de Vani e Rui, escritas pelo casal nada normal, Fernanda Young e Alexandre Machado, registram níveis de audiência acima da média da emissora no horário das 23h. "As pessoas gostam de rir de si mesmas", define a atriz Júlia Lemmertz, explicando o sucesso do programa.

Júlia, que é casada com o ator Alexandre Borges há mais de nove anos, já se viu em algumas situações que poderiam fazer parte da comédia. "Nos identificamos, mas nem sempre a vida é tão engraçada quanto a que vemos no programa. Eu e o Alexandre somos diferentes do casal, que é tipicamente de classe média."

O jornalista Alexandre Carauta, de 32 anos, também pode ser considerado um "normal da vida real". Fã do programa, ele já identificou na TV diversos momentos idênticos aos que viveu com a esposa Luciana, de 26 anos. Num dos episódios, conta Alexandre, Rui descrevia, com a aparência séria e triste, a luta de Vani contra um grave vício, que estaria prejudicando a relação do casal. Na cena, a mulher aparece tentando se controlar de todas as maneiras, se descabelando, como se estivesse evitando uma garrafa de álcool, ou alguma outra droga. Rui, quase chorando ao som da música lenta, diz que todos estão lutando unidos para vencer o sofrimento, e que o problema da esposa é de família. A seriedade dos atores acaba comovendo o telespectador. Mas quando o personagem finalmente revela o drama da mulher, a surpresa: o vício de Vani são as compras. "Nessa hora, eu vi a Luciana", conta Carauta. E ela confirma o vício: "Todo sábado, digo que preciso comprar um presentinho e volto cheia de sacolas".

"Aquilo bem que poderia ser um episódio de *Os Normais*", exalta o cirurgião-dentista Hernando Valentim da Rocha Junior, de 32 anos, após descrever os meses de paquera que resultaram na união de dois anos com a médica Anna Paula Vieira, de 31. "Mais 'normal' do que essa menina não existe. Quando a gente dava plantão no mesmo Hospital, ela ficava se exibindo pra mim, e eu nem aí pra ela. Do jeito que se deitava no sofá, a única coisa que eu conseguia ver era o quadril privilegiado dela." Anna Paula se defende: "Quem dava em cima de mim era ele." Imediatamente os dois começam uma discussão típica de Rui e Vani sobre como o relacionamento começou. Mas logo a pequena briga se transforma em risos, principalmente quando o assunto é Hugo, primeiro filho do casal.

Por causa do horário, nem sempre Anna Paula e Hernando conseguem ver *Os Normais*. "Ele sempre dorme, fico rindo sozinha, morrendo de medo de acordá-lo. Coloco o travesseiro na cara para abafar minha risada", conta Anna. Luciana e Alexandre, mais fanáticos pelo programa, gostam de assistir juntos. "A série atinge problemas não só de casais, mas fala da família, como aquela situação em que Rui sempre amarra o saco do pão e não coloca o arame. A identificação é o grande segredo do sucesso do programa", defende Carauta.